

Uma vida em arte: revisitando Lúcio Cardoso e sua obra¹

A Life in Art: Revisiting Lúcio Cardoso and his Work

Cássia dos Santos*
Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC-Campinas

25

RESUMO: Este artigo tem por objetivo apresentar a vida e a obra do mineiro Lúcio Cardoso, cujo centenário se comemorou no ano de 2012. Para tanto, oferece uma visão panorâmica da sua produção artística, abrangendo romances, novelas, peças, contos, poemas, diários, cinematografia, desenhos e telas. São ainda consideradas todas as iniciativas recentes de reedição da obra literária cardosiana, bem como os projetos de lançamento de seus originais inéditos em periódico e/ou em livro até 2012. Tem-se, como resultado, a ampliação da imagem relacionada ao autor: ainda que tenha se definido, mais de uma vez, como um “desesperado romancista”, Lúcio Cardoso foi um artista plural e assim deve ser lembrado.

PALAVRAS-CHAVE: Lúcio Cardoso. Literatura brasileira. Arte brasileira.

ABSTRACT: This article aims at presenting Lúcio Cardoso’s life and work. He was from Minas Gerais and the centenary of his birth was celebrated in 2012. In order to do so, it offers a panoramic view of his artistic production, covering novels, plays, tales, poems, diaries, cinematography, drawings and canvas. Also, all recent initiative to reissue Cardoso’s literary pieces as well as projects to launch his unprecedented works in a journal or book until 2012.

¹ Este texto é uma versão revista e ampliada de artigo publicado na revista *Araticum*, no segundo semestre de 2012.

* Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP.

As a result, one can see the extension of his image: even though he addressed himself, more than once, as a “desperate novelist”, Lúcio Cardoso was a plural artist and he should be remembered as so.

KEYWORDS: Lúcio Cardoso. Brazilian Literature. Brazilian Art.

Entre o fim da década de 1950 e o início dos anos 1960, o escritor Lúcio Cardoso publicou, provavelmente no *Caderno B do Jornal do Brasil*, um texto intitulado “Por que pinto?”. Nesse breve texto, que se fazia acompanhar na página do periódico pela reprodução do desenho “Urubus”, feito por ele, Lúcio afirmava não se considerar um pintor autêntico e expunha os motivos que o impeliam a pintar com os seguintes dizeres:

Devo dizer inicialmente que não me sinto um pintor, deste ponto de vista que um pintor é um artista consciente que congrega todas as suas forças, sua totalidade de sentir e de ver em torno daquilo que cumpre, que no caso é o quadro.

Esforço-me para não partir de um princípio literário, mas para usar a cor como um artista plástico a usaria, o que me parece mais um recurso da inteligência do que da autenticidade. Sei que certas cores se decompõem em conjunto com outras, e elaboro-as, com certa intuição, convicto de que um quadro é um problema a ser resolvido do ponto de vista do óleo, que óleo é um elemento que se faz escurecer aqui para se fazer brilhar mais além. Nunca me permiti pastichar coisa alguma porque infelizmente nunca consegui levar a efeito senão o inventado por mim. Um traço feito por mim geralmente é mau, mas sempre meu, o que em pintura pode não querer dizer coisa alguma, mas que tem significado enquanto me consideram um artista. Artista de quê? Se invento, minha invenção, no entanto, não é rica: pinto sempre visões da mesma cidade. Não sei qual seja, nem onde seja - sei que existe. Escavando em mim, encontro-a sempre: é a mesma que desesperadamente tendo² reproduzir em meus romances. Portanto aí está: pinto enquanto o romance não me satisfaz. Persigo tenazmente essa visão que me sufoca, e que compõe o meu íntimo como a essência que me revestisse. Minha pintura nasce de uma carência que não consigo suprir. Por isto é que digo - sei que não sou, que jamais serei um pintor verdadeiro. Falta-me inocência para tanto. Estou comprometido demais na aventura e sou por demais eu mesmo, para não ser no que quer que faça senão aquilo que me

² Equivocando-se, o ficcionista utilizou a expressão “tendo reproduzir” no lugar de “tento reproduzir” ou de “tendo a reproduzir”, as duas alternativas possíveis nesse contexto.

elege e me aniquila: um desesperado romancista... (CARDOSO, [s.d.])³.

Essas palavras são um bom ponto de partida para discutir quem é e que lugar cabe ao autor nos quadros da arte e da cultura brasileira transcorridos já cinco anos do seu centenário. De imediato chama a atenção o vínculo estabelecido por ele entre literatura e pintura: exprimindo sua convicção de que não era e de que jamais seria um pintor verdadeiro, Lúcio Cardoso se definia como um romancista em desespero. Incapaz de recriar com palavras a cidade que trazia dentro de si e na qual ambientava sua obra literária, recorria às tintas para retratá-la em quadros.

Expressa nesses termos, sua adesão às telas parecia resultante de um impasse criativo, fato que, aos olhos do próprio escritor, reservaria à pintura um papel menor, de substituta do romance. Tê-lo-ia sido, de fato? Que Lúcio assim o sentisse, é compreensível, dadas as dificuldades que enfrentava à época na redação de sua obra e que podem ser comprovadas com a leitura dos seus *Diários* (2012). No entanto, objetivamente julgando, é fácil perceber que ele sempre foi muito mais do que um romancista, razão pela qual dissociar a literatura da pintura e de todas as linguagens artísticas nas quais se aventurou é um risco.

Isso posto, ainda que este artigo veicule, sobre o autor, muitos dados já conhecidos, ele os apresenta e organiza em torno de vários outros pouco lembrados e de alguns até ignorados na tentativa de construir uma imagem menos incompleta do artista mineiro. Se o viés adotado é biográfico, nem por

³ Texto reproduzido de recorte de jornal disponível para consulta no Arquivo Lúcio Cardoso no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. A caneta, há a anotação manuscrita “JB março 1961”, que sugere que teria sido veiculado pelo *Jornal do Brasil* no mês citado. Pesquisa realizada na coleção digitalizada do jornal não localizou o texto nesse mês, contudo, nem em outros meses próximos. Pela data registrada em “Urubus” (1958), que hoje integra o acervo do estudioso e bibliófilo Ésio Macedo Ribeiro, supõe-se, assim, somente o período provável da publicação.

isso se deixa de mencionar todas as recentes publicações dos livros do ficcionista - lançamentos e relançamentos que se multiplicaram à medida que seu centenário se avizinhava -, bem como alguns ensaios mais significativos sobre a sua produção.

Nascido na cidade mineira de Curvelo em 14 de agosto de 1912 e morto prematuramente no Rio de Janeiro em 24 de setembro de 1968, aos 56 anos de idade, Lúcio Cardoso permaneceu durante anos como um de nossos intelectuais mais desconhecidos. Tendo produzido romances e novelas, ele foi contista, poeta e também compôs peças teatrais e roteiros cinematográficos. Nos seis anos finais de vida, dedicou-se à pintura, após um acidente vascular cerebral que o impossibilitou de continuar escrevendo. Ao longo de sua trajetória, trabalhou como jornalista em vários periódicos do Rio de Janeiro e como tradutor para editoras como a José Olympio, a Pongetti e O Cruzeiro. Integrante da chamada “geração de 30”, fez parte do grupo de escritores que consolidaram o romance em nossa literatura, como José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Erico Verissimo, Cyro dos Anjos e outros.

Bastante aclamado pela crítica quando de sua estreia, o autor chamou imediatamente a atenção no meio literário. No intervalo de três anos, publicou três romances em sequência, bastante debatidos, e, nos idos de 1937, “era o romancista que se apresentava com mais originalidade no momento e passava por uma espécie de Rodiguet brasileiro”, segundo Brito Broca no curioso artigo “O que não se conta nas entrevistas”, ao relembrar as entrevistas malsucedidas de sua carreira de jornalista (BROCA, 1957).

Sobre os romances e as novelas de Lúcio Cardoso, já se publicou um ensaio que procura analisar a recepção de dez livros na época de seu lançamento, examinando os fatores que influenciaram na sua aceitação ou na sua recusa pela crítica (SANTOS, 2001). Em estudo mais alentado e muito mais abrangente, Luís Bueno contribuiu com mais elementos para a avaliação da obra cardosiana,

ao situá-la no conjunto dos romances brasileiros concebidos durante a década de 1930 (BUENO, 2006). Outros livros, publicados um pouco antes e depois do ano 2000, também iluminaram aspectos expressivos da produção romanesca do prosador, como o organizado por Ruth Silviano Brandão (1998), o de Marta Cavalcante de Barros (2002), o de Enaura Quixabeira Rosa e Silva (2004), o de Elizabeth Cardoso (2013), entre outros. Ésio Macedo Ribeiro, por sua vez, convicto de que “é como se Lúcio tivesse sido ininterruptamente espicaçado pela compulsão de criar” (2006, p. 30), apresentou uma leitura crítica dos seus dois volumes iniciais de poesia. Por fim, em anos recentes, uma série de artigos acerca de Lúcio veio se juntar aos títulos acima citados, explorando cada vez mais elementos e características de sua produção.

É verdade que, antes disso, em 1991, a prestigiada Coleção Arquivos, subvencionada pela Unesco, havia lançado a edição crítica da *Crônica da casa assassinada*, o seu romance mais relevante, com a coordenação de Mario Carelli e com o estabelecimento do texto feito por Júlio Castañon Guimarães. A existência do volume, composto ainda por ensaios e por uma vasta bibliografia, representava o reconhecimento da importância do criador, sobretudo se se considerar que, antes disso, os únicos romances brasileiros publicados pela Arquivos haviam sido *Macunaíma* e *A paixão segundo G. H.* Entretanto, se o surgimento da edição crítica certamente favoreceu o interesse pelo escritor na esfera acadêmica, foi incapaz de reverter a ignorância do grande público sobre ele.

Assim, só a partir de 1999, Lúcio Cardoso começou a ter seu nome mais difundido, quando a Civilização Brasileira deu início a um projeto de reedição de suas obras, há tantos anos fora de catálogo. À edição comemorativa de 40 anos da *Crônica da casa assassinada*, lançada pela José Olympio em 1959, seguiram-se as publicações dos quatro outros romances que concluiu: *Maleita*, o romance de estreia, de 1934, foi relançado em 2005; *Salgueiro*, o segundo romance, de 1935, em 2007; *A luz no subsolo*, o terceiro romance, de 1936, em

2003; *Dias perdidos*, o quarto, de 1943, em 2006. A Civilização Brasileira reeditou, ainda, quatro das seis novelas dadas a lume pelo autor. Em um volume conjunto, saíram em 2000 *Mãos vazias*, de 1938, e *O desconhecido*, de 1940. Em 2002, foram reunidas as duas primeiras novelas do ciclo denominado *O mundo sem Deus*, intituladas *Inácio*, de 1944, e *O enfeitado*, de 1954, aos originais até então inéditos de *Baltazar*, a derradeira novela da trilogia, que Lúcio Cardoso não chegou a ultimar⁴.

Ao empreendimento notável levado a efeito pela casa carioca, veio se juntar, em 2006, a iniciativa da editora da Universidade Federal do Paraná, que publicou na obra *Teatro reunido*, organizada por Antonio Arnoni Prado, as oito peças teatrais deixadas completas pelo romancista mineiro. Dessas, somente duas não eram inéditas: *O escravo*, lançado pela editora Zélio Valverde em 1945, e *O filho pródigo*, veiculado em periódico em 1949 e, em livro, em 1961. A primeira peça chegara aos palcos em 10 de dezembro de 1943, numa montagem realizada pelo grupo Os Comediantes; a segunda, por sua vez, fora levada à cena em 5 de dezembro de 1947 pelo Teatro Experimental do Negro, fundado por Abdias do Nascimento. Além dessas duas peças, o *Teatro reunido* continha *A corda de prata* e *Angélica*, encenadas pela primeira vez respectivamente em 20 de outubro de 1947 e em 11 de novembro de 1950 pela companhia Teatro de Câmara, criada pelo próprio Lúcio. Das outras quatro peças inéditas existentes no livro, duas chegaram a ser montadas e exibidas em um programa da TV Continental graças ao empenho de Fábio Sabag: *O homem pálido*, em 20 de agosto de 1961, e *Os desaparecidos*, em 31 de dezembro desse mesmo ano. As outras duas, nunca encenadas, eram *Prometeu libertado* e *Auto de Natal*, ambas com um único ato⁵.

⁴ Coincidentemente, aguardam relançamento justamente as duas novelas que Lúcio publicou no ano de 1946: *O anfiteatro*, pela editora Agir, no mês de junho, e *A professora Hilda*, que saiu no mês de agosto do mesmo ano pela José Olympio.

⁵ As datas das estreias das três primeiras peças constam de pequenos anúncios veiculados no jornal *Correio da Manhã*, cujas edições foram consultadas pelo acesso ao *site* da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional. O dia da estreia da peça *Angélica*, 11 de novembro de 1950, foi verificado em exemplares dos jornais *A Manhã*, *A Noite* e *Diário Carioca*. Os anúncios

Se o lançamento do *Teatro reunido* e todos os (re)lançamentos feitos pela Civilização Brasileira significaram um grande impulso para que o nome de Lúcio Cardoso como ficcionista e como dramaturgo se tornasse mais conhecido, o aparecimento da *Poesia completa*, em edição crítica de Écio Macedo Ribeiro em 2011, propiciou que se tomasse contato com a produção poética do autor. Em um volume extenso, com mais de 1.100 páginas, foram inseridas as composições já divulgadas nos livros *Poesias*, de 1941, e *Novas poesias*, de 1944, cujas primeiras edições haviam sido de responsabilidade da José Olympio, e também o conteúdo dos *Poemas inéditos*, que haviam sido coligidos e apresentados por Octavio de Faria em 1982 sob o selo da Nova Fronteira. Em um extraordinário trabalho de investigação e de recolha, Ribeiro incluiu na *Poesia completa*, também, inúmeros poemas publicados em vida por Lúcio em jornais e revistas, outros divulgados após a sua morte e outros, por fim, totalmente inéditos e parte integrante sobretudo do amplo material depositado no Arquivo Lúcio Cardoso na Fundação Casa de Rui Barbosa.

Como resultado do esforço do pesquisador, firmou-se a percepção de que o romancista da *Crônica da casa assassinada* fora um poeta mais prolífico do que até então se supusera. Outras publicações do ano de 2012 evidenciaram, ademais, que os interesses de Lúcio Cardoso na esfera da criação artística não se limitaram às obras já mencionadas. No mês de novembro desse ano, a Civilização Brasileira pôs à venda nas estantes das livrarias mais dois livros com escritos seus parcialmente inéditos: *Contos da ilha e do continente*, selecionados e prefaciados por Valéria Lamego, e os *Diários*, organizados também por Écio Macedo Ribeiro.

da encenação de *O homem pálido* e de *Os desaparecidos*, com direção de Fábio Sabag, encontram-se em exemplares do *Jornal do Brasil*. Apreciação crítica de todas as obras e informações sobre os atores e os outros profissionais que tomaram parte nas montagens são dadas por Antonio Arnoni Prado no “Posfácio” e no “Apêndice” ao *Teatro reunido*. Prado apresenta, contudo, datas divergentes para a estreia de *A corda de prata* e de *Angélica*.

Sem nunca ter concluído os estudos regulares e não tendo frequentado nenhum curso universitário, Lúcio Cardoso trabalhou inicialmente em escritórios de companhias de seguros para atuar profissionalmente mais tarde como jornalista e como tradutor. Ainda que confessasse nunca entrar em um jornal sem cometer uma violência contra si mesmo (CARDOSO, 2012, p. 318), o escritor teve nas redações de variados jornais e revistas o seu emprego mais constante. Muitas vezes, sua produção não era assinada, como indica a anotação de 9 de outubro de 1951, existente nos *Diários*:

O horrendo jornal em que agora trabalho absorve-me quase todo o tempo. Não resta dúvida de que ganhar dinheiro é uma coisa penosa. Como nunca assino os artigos que escrevo, tenho a nítida impressão de ser uma coisa alugada, servindo a uma horrível voz, rouca e cheia de nuances canalhas, que é a do diretor e que se situa do outro lado do tabique, mesmo ao meu lado (CARDOSO, 2012, p. 382-383).

Outra parte de sua produção, contudo, os textos de caráter literário e ficcional, era sempre impressa com o seu nome. É uma parcela desse material que Valéria Lamego, ao examinar os acervos da Biblioteca Nacional, localizou e pôde editar na coletânea de 2012, que reúne vários contos veiculados em *Letras e Artes*, o suplemento literário do jornal *A Manhã*, nos anos de 1940 e de 1950. Para designá-la, a pesquisadora elegeu um título que havia sido sugerido pelo próprio Lúcio, em fragmento de 24 de outubro de 1958 dos *Diários*:

Neste pequeno intervalo, escrevi um conto: *Colchão velho* – que muito me satisfiz. Preparo um outro: *Atriz no bar*. Ambos para um jornal de São Paulo, e que marcarão o início de um novo livro de contos, bem diferente de *Contos da ilha*. Título? Não sei. Qualquer coisa como *Contos do continente*. Mas, evidentemente, com o tempo acharei melhor (CARDOSO, 2012, p. 439-440).

Além do material recolhido nos *Contos da ilha e do continente*, que abarca também alguns textos da década de 1930, há muitos contos e alguns artigos de crítica de Lúcio Cardoso em outros jornais, à espera de pesquisa, seleção,

organização e publicação em livro. Em tese de Doutorado defendida na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em abril de 2013, a própria Lamego apresenta um rico levantamento com 265 outros contos inéditos do autor, com potencial para formar novos volumes. Foram todos publicados no extinto periódico *A Noite* - no qual Lúcio trabalhou no início da década de 1950 - e sua leitura e sua análise não devem ser menosprezadas sob pena de limitar a compreensão global da produção cardosiana. Elaborados em um momento em que integrou o corpo de redatores do vespertino e, “embora destinados à vida efêmera nas páginas do jornal, os contos e crônicas compostos pelo romancista para o periódico não traíam o restante de sua obra”, como já foi sublinhado (SANTOS, 2012, p. 218). Mais do que isso, há criações que só podem iluminá-la, como permite comprovar o inquietante “A sedutora”, fundamental para o entendimento do processo de concepção da belíssima Nina, a extraordinária protagonista da *Crônica da casa assassinada*.

Igualmente fundamental para que se possa julgar o que fez e, sobretudo, o que pensou o ficcionista é a consulta às páginas dos *Diários*, o outro livro lançado no ano de 2012 pela Civilização Brasileira e que agrega em um único volume os fragmentos do *Diário: I*, publicado em novembro de 1960, o conteúdo do *Diário completo*, editado postumamente pela José Olympio em 1970, e outros escritos inéditos, depositados no arquivo na Fundação Casa de Rui Barbosa.

Organizada por Ésio Macedo Ribeiro, que já se ocupara da edição da *Poesia completa*, a obra incorporou anotações que haviam permanecido desconhecidas entre os originais do autor em seu arquivo. Realizando tarefa valiosa, Ribeiro também recolocou na ordem cronológica muitos trechos dos *Diários* que haviam sido inexplicavelmente inseridos com as datas alteradas no livro publicado, com tantas falhas, pela José Olympio em 1970, tornando possível avaliar mais adequadamente o caminho trilhado por Lúcio Cardoso nas décadas de 1940, 1950 e início da década de 1960.

A leitura dos apontamentos registrados revela os muitos interesses que o impulsionavam e que explicam a sua incursão pelas variadas áreas citadas neste ensaio: romance, novela, conto, poema, drama, tradução, além da pintura e do cinema. Nesse setor, depois de haver redigido o roteiro do longa-metragem *Almas adversas*, que estrearia somente em 18 de maio de 1950 (CARDOSO, 2012, p. 250), Lúcio se arriscou em uma empresa ainda mais ambiciosa: a criação do filme *A mulher de longe*, para o qual concebeu a história e escreveu o roteiro, além de assumir o papel de diretor. Dando início a esse projeto em agosto de 1949, ele não teve recursos financeiros para levá-lo até o fim: as dívidas se acumularam, a filmagem foi interrompida e o inexperiente cineasta enfrentou três processos na Justiça do Trabalho, como explica nos *Diários* (CARDOSO, 2012, p. 231).

Desaparecido durante décadas, o copião do filme foi recuperado por Luiz Carlos Lacerda de Freitas no acervo da Cinemateca Brasileira. Amigo de Lúcio Cardoso e filho de João Tinoco de Freitas, que havia sido produtor de *A mulher de longe* em 1949, Lacerda elaborou em 2012 “uma espécie de documentário poético” (ALMEIDA, 2012) sobre o filme inacabado a partir das imagens originais que subsistiram. Sua iniciativa propiciou ao grande público tomar conhecimento de mais uma faceta do insatisfeito criador de Curvelo: sua produção cinematográfica.

Se, desde 1988, a extrema versatilidade de Lúcio Cardoso já era evidente para o pequeno número de leitores que havia tido contato com *Corcel de fogo*, o livro de Mario Carelli que aborda a vida e a obra do romancista mineiro, somente no início deste século XXI a percepção desse fato se generalizou a ponto de romper as barreiras da academia e atingir um público mais amplo. Para tanto, foram relevantes todas as publicações e os lançamentos aqui referidos, que tornaram patente uma característica sobre a qual o próprio Lúcio não se iludia, como prova este trecho de 13 de novembro de 1949 dos *Diários*:

O grande trabalho da minha vida é coordenar todos os elementos, bons e maus, de que me sinto composto. Percebo que tenho um sangue de aventureiro, de cigano ou saltimbanco, aliado a não sei que instinto feroz e perfeitamente homicida. Reúne-se a isto uma diabólica fantasia, que me faz julgar todas as coisas extremamente fáceis às minhas intenções. Mas, aí de mim, são tão pobres as minhas forças, que mal consigo levantar uma parte do que me sinto capaz. Quando Deus me dará forças para ser paciente com meus pobres limites? Queria tudo, fazer tudo – e num espaço de tempo mínimo. Mas aos poucos vou compreendendo que o meu mundo é outro – a imaginação que me foi dada é para criar um universo que não me fira com suas arestas, uma cidade prisioneira do papel branco, feita de palavras. A sabedoria é fazer calar este sangue selvagem, que arde nas minhas veias. Se puder, no entanto (CARDOSO, 2012, p. 226).

Essa tendência à multiplicidade, que o levaria a enveredar por áreas tão distintas, não passaria despercebida àqueles que lhe eram próximos. Acompanhando sua trajetória desde antes da estreia com *Maleita*, como recorda no texto “Memória de Lúcio Cardoso (I)”, o amigo e também escritor Octavio de Faria assinalaria esse vaguear incessante, que a muitos poderia parecer resultante de sua tendência à dispersão e da vida boêmia. O que mais chamava a atenção de Faria era o fato de Lúcio haver abandonado a formulação da trilogia *A luta contra a morte* - da qual *A luz no subsolo*, de 1936, fora o único volume a ser publicado - para lançar-se a outras atividades. Desistindo da composição de *Apocalipse*, o segundo livro do ciclo, ele deixava de responder às indagações propostas nas páginas finais do romance de 1936:

Ora, ao invés desses romances do ciclo de *A luta contra a morte*, o autor, durante mais de vinte anos, desdobrou-se em novelas, contos e dramas, em páginas de diário e poesias - e até mesmo num belo romance, *Dias perdidos* - que, se eram interessantíssimos como obras em si, se nos davam testemunhos valiosíssimos da multiplicidade dos seus talentos, *não eram* a resposta esperada em relação aos problemas colocados nas páginas finais de *A luz no subsolo*. [...] Que sucedera ao romancista Lúcio Cardoso? Por que *Apocalipse* não chegara a tomar forma definitiva? Por que as perguntas colocadas nas páginas finais de *A luz no subsolo* não tinham tido resposta imediata? Por que o autor se lançara então, e tão ardorosamente, na técnica da novela para, anos depois, tentar com igual paixão, o substitutivo do drama? Por que a tentação das pequenas confissões que são o *substratum* dos livros de poesia, das páginas do *Diário*, do próprio *Dias*

perdidos? Por que esse como que tatear no vago, essa verdadeira luta contra as sombras interiores, que se diria mais uma fuga ante um intransponível obstáculo do que um itinerário de autêntico ficcionista? (FARIA, 1991, p. 662).

No texto citado, redigido especialmente para uma edição reunida dos romances cardosianos que a Aguilar nunca chegou a lançar, o próprio Octavio de Faria se encarregaria de propor uma explicação plausível para a interrupção do ciclo, considerando que as questões existentes em *A luz no subsolo* não poderiam ser respondidas pelo “quase rapazola” que o autor mineiro era em 1936-1937. Somente a passagem do tempo, o acumular da experiência vivida poderiam conferir a Lúcio a maturidade necessária para dar o salto que separa o seu primeiro grande romance (*A luz no subsolo* - 1936) do seu segundo grande romance (*Crônica da casa assassinada* - 1959).

Com efeito, o criador da *Tragédia burguesa* não se enganava ao proferir esse julgamento no início dos anos de 1960. Tematicamente, a *Crônica da casa assassinada* se ligava a *A luz no subsolo* ao retomar os dramas e os conflitos vivenciados pelos membros de uma elite em desagregação, em suas “velhas residências patriarcais que iam se desmantelando em fazendas comidas pelas hipotecas” (CARDOSO, 2003, p. 38). A leitura e a análise de originais inéditos depositados no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa demonstram, ademais, que, já em 1936, Lúcio Cardoso trabalhava com temas, situações e personagens que seriam plenamente desenvolvidos no romance de 1959, como já foi observado (SANTOS, 2005, p. 2).

Merece ser ressaltada, ainda, a opinião do próprio ficcionista sobre o livro mencionado. Com ele, acreditava inaugurar “sua obra definitiva”, como sublinhou em uma entrevista a Walmir Ayala em abril de 1958. Pensada desde o início como o primeiro volume de uma série inteira, totalmente ambientada em Vila Velha, cidade imaginária situada na Zona da Mata mineira, “a *Crônica da casa assassinada* era, aos olhos de seu autor, uma espécie de prólogo da

história de decadência, morte e destruição desse pequeno mundo apocalíptico, a que, paradoxalmente, também desejava dar vida” (SANTOS, 2005, p. 2-3).

O ciclo idealizado em torno do vilarejo fictício deveria prosseguir com o lançamento de *O viajante*, romance no qual o escritor trabalhou no ano de 1951 e cujos originais recuperou após o término da redação da *Crônica da casa assassinada*. Embora ele tenha se ocupado de sua composição de 1958 até 1962, ano em que sofreu o acidente vascular cerebral, o livro nunca chegou a ser finalizado, tendo sido editado pela José Olympio graças aos esforços de Octavio de Faria, que reuniu e organizou os originais incompletos. No texto introdutório em que justificava o lançamento do romance do amigo e expunha as dificuldades com que se deparara na missão de divulgá-lo aos leitores, Faria assegurava que Lúcio Cardoso estaria totalmente de acordo com aquela publicação póstuma, tamanha a importância que sempre concedera à obra.

Muito provavelmente, mais uma vez Octavio de Faria devia estar certo ao sustentar tal ponto de vista. A leitura do livro de memórias de Maria Helena Cardoso, publicado pela José Olympio em 1973, evidencia o quanto o destino do inacabado *O viajante* ensombrou os últimos anos de vida do irmão. A despeito das novas perspectivas que tinham surgido com sua dedicação às artes plásticas, das quatro exposições individuais de pintura promovidas, do sucesso conquistado e de haver tido mais lucro financeiro com suas telas do que com todos os livros que escrevera, como teria reconhecido à irmã (WYLER, 1979), Lúcio nunca deixou de almejar a conclusão do romance e a retomada de sua obra literária.

Em *Vida-vida*, Maria Helena Cardoso narra o sofrimento, a luta e o empenho de Lúcio para restabelecer-se, a batalha sem tréguas travada para vencer a hemiplegia e reconquistar a capacidade de fala e de escrita que lhe tinham sido subtraídas pelo derrame. Destaca, ainda, suas pequenas alegrias com os desenhos e os quadros pintados com a mão esquerda, sua satisfação com o

reconhecimento de todos pela sua nova forma de expressão artística, sem que, no entanto, aceitasse ser chamado de pintor. Vários são os trechos do livro que o mostram recusando essa designação, seja ao reafirmar a sua condição de escritor em curtos lembretes manuscritos, dirigidos a si mesmo e aos outros, seja nos diálogos com os amigos que o visitavam, quando se expressava sobretudo por meio da escrita e não da fala.

Citadas nas páginas de *Vida-vida*, as palavras de Lúcio impressionam e comovem. Registradas em pequenas folhas soltas de blocos e de cadernos e em pedaços de papel de origem e de tamanho variados, formam um rico material que, doado posteriormente ao arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa, permaneceu anos à espera de um intérprete, o que ocorreu quando Beatriz Damasceno voltou os olhos a esses pequenos textos. Transcrevendo e analisando o que nomeia como os “detritos de escrita” do romancista em tese que resultou em livro, também lançado no ano de 2012, a pesquisadora contribuiu decisivamente para que um retrato ainda mais nítido de Lúcio Cardoso possa ser traçado.

Digitalizados e reproduzidos a cores por Damasceno em seu estudo, os papéis saem das pastas do arquivo para patentear as marcas das dificuldades motoras e linguísticas de Lúcio, mas também os progressos que atingiu nos quase seis anos vividos sob os cuidados da irmã, ao evoluir da letra de forma para a letra cursiva, das palavras soltas, muitas vezes monossilábicas, aos textos curtos. Com sensibilidade, mas sem nenhum tipo de condescendência, a autora acompanha Lúcio em sua *via crucis*, defendendo que a produção dessa fase “é extremamente expressiva e não pode ser reduzida a uma leitura ‘médica’ de escrita truncada, mas à interferência do corpo sobre o código” (DAMASCENO, 2012, p. 64). Acredita que, ainda que se tomem tais fragmentos como “exercícios e treinos para uma reabilitação [...], não se pode negar, nas suas marcas, a revelação de um artista latente, independente de todas as limitações” (DAMASCENO, 2012, p. 65).

No afã de materializar sua obra, Lúcio oscila entre a esperança e a impaciência, como confirmam vários escritos reproduzidos. “Não terminei minha obra. Dez anos de silencio - Mas hoje possuo meus livros - Novo! Que fazer se algum de obra antiga? Não. Hoje será o futuro”, julga, deixando evidente sua preocupação com a passagem do tempo (DAMASCENO, 2012, p. 57). Em um dia de grande inquietude, anota “Tenho ainda 30 romances na cabeça!”, grafando a palavra “romances” erroneamente (DAMASCENO, 2012, p. 58). Em outra ocasião, consciente da sua singularidade e das imposições da doença, mas seguro de que nunca deixara de ser um escritor, observa: “Eu, escritor sou por fatalidade” (DAMASCENO, 2012, p. 64).

A recusa em definir-se como pintor só pode ser entendida à luz das suas muitas expectativas em torno de sua obra literária. Se não cabe aqui expô-las, dado que sobre isso já se tratou com vagar alhures (SANTOS, 2005), convém, entretanto, assinalar que as relações de Lúcio com a pintura, pela sua singularidade, não podem ser igualadas às que manteve com o teatro e o cinema. É certo que esses últimos somente lhe reservaram fracassos, o que, por si só, já permite estabelecer uma grande distinção. A pintura, em contrapartida, além de ter lhe garantido lucro e algum renome, sempre parece ter pairado no seu horizonte de possibilidades. Muito antes do acidente vascular cerebral, ele já reconhecia o seu interesse por essa arte, como evidencia este trecho de uma entrevista concedida em novembro de 1946:

A palestra desviou-se um pouco para o setor geral das artes. O criador de *A luz no subsolo* falou sobre música e sobre pintura. Tem uma boa discoteca, tem uma especial admiração por Mozart, só inferior entre os nossos intelectuais à de Murilo Mendes. “Música e pintura sempre foram coisas preponderantes em minha vida. Tenho vários amigos pintores e acho fascinante vê-los trabalhar: se não fosse escritor, desejaria ser pintor” - confessa (CARDOSO, 1946).

Se, nos anos de 1940, já se permitia, ele mesmo, ilustrar alguns dos contos e

das pequenas novelas que publicaria no periódico *Letras e Artes*, como “A escada”, nos anos de 1950, por várias vezes contribuiu com desenhos para periódicos literários e para a coluna “Arquivos Implacáveis”, de João Condé, então publicada na revista *O Cruzeiro*⁶. Além disso, pouco após haver encaminhado à editora José Olympio os originais da *Crônica da casa assassinada*, anotou em 13 de outubro de 1957 nos seus *Diários*: “Há em mim, sem nenhuma dúvida, um artista plástico fracassado. Em certos momentos, tenho a impressão de que escrevo como se desenhasse” (2012, p. 436).

Sabe-se ainda que, em julho de 1960, ele participou, ao lado de outros intelectuais, de uma exposição de quadros compostos exclusivamente por escritores, promovida pela Galeria Macunaíma. Antecipando a surpresa que o público teria com as telas de Lúcio integrantes da exposição, Walmir Ayala sublinhava o seu espanto com a “necessidade que ele tinha de desenhar, de borrar papel frequentemente a dedo com a mesma paixão (talvez mais desenfreada) com que traçava uma página de romance” (AYALA, 1960). Clarice Lispector, por sua vez, numa bela crônica publicada originalmente em 11 de janeiro de 1969 no *Jornal do Brasil* e mais tarde coligida no livro *A descoberta do mundo*, chamaria a atenção para a mudança que havia se operado em sua pintura depois do acidente vascular cerebral:

De sua doença restaria também o sorriso: esse homem que sorria para aquilo que o matava. Foi homem de se arriscar e de pagar o alto preço do jogo. Passou a transportar para as telas, com a mão esquerda (que, no entanto, era incapaz de escrever, só de pintar) transparência e luzes e levezas que antes ele não parecia ter conhecido e ter sido iluminado por elas: tenho um quadro, de antes da doença, que é quase totalmente negro. A luz lhe viera depois das trevas da doença (LISPECTOR, 1984, p. 243).

⁶ Consultem-se, por exemplo, o número 31, de 16 de maio de 1953; o número 44, de 15 de agosto de 1953, e o número 24, de 27 de março de 1954, da revista *O Cruzeiro*, em que constam desenhos do autor.

Em *Corcel de fogo*, Mario Carelli assegura que, “sem a hemiplegia, Lúcio provavelmente teria sido um ‘pintor de domingo’” (1988, p. 81). Trata-se, obviamente, de conjectura que, como tal, não pode ser aceita e tampouco descartada. Os dados ora reunidos, contudo, são sugestivos de que, nos três anos anteriores ao derrame, o autor esteve cada vez mais próximo do universo dos artistas plásticos, intensificando seu contato com eles e sobre eles escrevendo, para apresentar suas produções. A coluna intitulada “Itinerário das Artes Plásticas” de Jayme Maurício, publicada no segundo caderno do jornal *Correio da Manhã*, faz constantes alusões a Lúcio nos anos de 1960, 1961 e 1962. Em uma nota curta, editada no dia 15 de dezembro de 1960, o colunista comenta:

O romancista Lúcio Cardoso, que é um dos escritores que desenham e pintam com bom nível, e está estreitamente veiculado às artes plásticas, teria sido convidado por Iolanda Penteado Matarazzo para fazer uma exposição de seus trabalhos, em caráter especial, não em galeria mas numa casa paulista (MAURÍCIO, 1960).

No dia 20 de janeiro de 1961, o mesmo crítico, em tom otimista, informa: “E para terminar, por hoje, comunicamos aos leitores que a pintura de Lúcio Cardoso continua em progressos, inclusive financeiros - o que é muito simpático - ameaçando superar a glória literária do grande romancista” (MAURÍCIO, 1961). No dia 27 de outubro de 1962, Jayme Maurício confere mais destaque ao ficcionista mineiro ao transcrever na íntegra o texto redigido por ele para apresentar a exposição de Ione Saldanha, cujo *vernissage* se daria no dia 30 de outubro na Galeria Relevo, em Copacabana.

É bem conhecida a faceta boêmia de Lúcio Cardoso, que teria sido “o maior festeiro de Ipanema”, nas palavras de Ruy Castro (1999, p. 222). Amigo da artista plástica Liliane Lacerda de Menezes, outra das figuras retratadas por Castro em seu livro, Lúcio frequentava o seu apartamento, sempre pródigo em

festas com desenhistas, pintores e escultores, e o ateliê de vários pintores. Gostava do convívio com todos eles e dos espaços que frequentavam, onde ainda podia encontrar companheiros dispostos a conversar e a vagar consigo pelos bares e restaurantes de Ipanema. Em crônica publicada no *Jornal do Brasil* em 21 de novembro de 1962, José Carlos Oliveira - que também merece um verbete na enciclopédia de Castro - conta, por exemplo, como teria passado a tarde anterior em companhia de Lúcio tomando vinho na casa de Liliane, onde haviam almoçado, cerveja no Bar Jangadeiros e uísque no ateliê de Antônio Bandeira.

Com toda essa exuberância em vida e com fôlego para lançar-se a tantos projetos e iniciativas, torna-se difícil construir uma visão de conjunto da grande produção, tão diversificada e por vezes irregular, do escritor mineiro. No que concerne às artes plásticas, o problema se acentua, pois os desenhos e as telas de Lúcio Cardoso acabaram se dispersando ao longo do tempo. Muitos foram dados por ele aos irmãos e se encontram atualmente nas mãos dos familiares e herdeiros; outros tantos foram vendidos e mantêm-se em poder de colecionadores particulares, aparecendo às vezes anunciados em *sites* de leiloeiros e de galerias, como a belíssima tela reproduzida abaixo:



“Paisagem” - Óleo sobre tela⁷.

Cedidos por Maria Helena Cardoso a uma *marchante*, uma outra parte significativa de quadros seguiu para a Europa, onde deveria ser exibida em uma exposição itinerante em mais de um país. Lamentavelmente, essas obras, entre as mais bem-realizadas do pintor, acabaram se perdendo e nunca retornaram à guarda da família, segundo Rafael Cardoso Denis, sobrinho-neto de Lúcio e atual titular dos direitos autorais da sua obra. Cabe acrescentar, ainda, que, por intercessão do poeta catarinense Marcos Konder Reis, amigo próximo de Lúcio, um lote com 15 peças, entre desenhos e pinturas em técnicas variadas (carvão, guache, pastel seco e pastel oleoso), foi adquirido pelo Museu de Arte de Santa Catarina.

⁷ Tela anunciada em site do leiloeiro Evandro Carneiro e vendida em novembro de 2015. Disponível em: <<http://www.evandrocarneiroleiloes.com/109485?artistId=88650>>. Acesso em: 8 jan. 2017.

Uma visita virtual à página dessa instituição permite conhecer esse pequeno acervo, do qual seleciono a imagem abaixo reproduzida, que convida a pensar em Minas e em suas montanhas:



Sem título - Guache sobre papel⁸.

Revela-se igualmente enriquecedor consultar texto escrito por Isabel Câmara especialmente para a revista *O Cruzeiro* em outubro de 1968. Traçando um perfil biográfico do romancista e dando informações sobre todas as exposições que ele já realizara, Câmara transcreve trechos à época inéditos dos seus *Diários* e os ilustra com fotografias das telas “Céu roxo”, “Barcos”, “Serra do Brilhante”, “Mãe e filha”, “Vila Velha”, “Serra com rio” e “Borboletas”⁹.

⁸ Imagem da obra disponível em: <<http://www.masc.sc.gov.br/?mod=acervo&ac=obra&id=417>>. Acesso em: 8 jan. 2017. Autorizada a reprodução para fins de pesquisa acadêmica pelo Museu de Arte de Santa Catarina.

⁹ A equipe técnica responsável pelos periódicos depositados na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional desabilitou a opção de cópia para todo o material de *O Cruzeiro*, o que impede a reprodução das imagens neste artigo. A referência completa do texto de Câmara encontra-se no fim deste artigo.

Oferecendo uma boa amostra da qualidade artística e do rico cromatismo da produção cardosiana, as telas citadas também demonstram os fortes laços entre sua pintura e sua obra literária de maturidade, concebida em torno da cidade imaginária de Vila Velha. Em setembro de 1957, dois meses após haver entregado à editora os originais da *Crônica da casa assassinada*, Lúcio havia afirmado em entrevista a Edson Guedes de Moraes que a *Crônica*, assim como *Retrato do viajante*, *Requiem* e *O menino e o mal*, seus três livros seguintes, formavam “um só: a crônica de uma cidade idealizada e situada por mim em Minas Gerais” (CARDOSO, 1957). Depois do lançamento da *Crônica*, em outra entrevista concedida em maio de 1959, ao responder a uma questão sobre *O viajante*, ele atribuíra ainda mais importância à série ambientada em Vila Velha ao explicar:

- *O viajante* foi escrito e concebido quase que no mesmo instante em que a *Crônica da casa assassinada*. É mais extenso e mais espesso. Nele aparecem algumas das figuras da *Crônica*, e a paisagem é a mesma. É como se fosse uma outra visão da cidade onde decorrem os acontecimentos do primeiro romance. Esta cidade, aliás, surgirá em todos os outros romances, porque, latente, é a história dela que estou tentando através de sucessivos volumes (CARDOSO, 1959).

Pondo fim a este artigo, a confissão do escritor fecha a discussão, remetendo precisamente às palavras suas transcritas no princípio: “pinto sempre visões da mesma cidade”, dissera ele. Criador plural e obsessivo, Lúcio enfrentou sofrimentos e adversidades sem perder a essência que o constituía, como notou Carlos Drummond de Andrade depois de haver visitado a sua primeira exposição de pintura, inaugurada na Galeria Goeldi, no Rio, em 19 de maio de 1965:

No caso de Lúcio Cardoso, o pintor não irrompeu de uma situação de crise assim como uma planta absurda que nascesse no ar, da semente jogada ao acaso pelo voo de um pássaro. O pintor estava dentro dele, vigiando e esperando a sua hora, que poderia não vir, e veio, como ousou dizer que o músico está dentro dele, sugerido em certas soluções plásticas, na riqueza de dons que o fizeram, de nascença, fatalizado, um artista (ANDRADE, 1965).

Referências:

- ALMEIDA, Marco Rodrigo. Filme inacabado de Lúcio Cardoso terá exibição no Festival do Rio. *Folha de S. Paulo. Ilustrada*, São Paulo, 15 set. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/66262-filme-inacabado-de-lucio-cardoso-tera-exibicao-no-festival-do-rio.shtml>>. Acesso em: 16 jul. 2016.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. A mão esquerda. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 21 maio 1965.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. A mão esquerda. In: _____. *Auto-retrato e outras crônicas*. Rio de Janeiro: Record, 1989. p. 69-70.
- AYALA, Walmir. Escritores em galeria. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, ano XXXII, n. 9.820, 3 jul. 1960. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/093092/per093092_1960_09820.pdf>. Acesso em: 8 jan. 2017.
- BARROS, Marta Cavalcante de. *Espaços de memória: uma leitura de Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- BRANDÃO, Ruth Silviano (Org.). *Lúcio Cardoso: a travessia da escrita*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BROCA, Brito. O que não se conta nas entrevistas. *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, ano IX, n. 99, out. 1957.
- BROCA, Brito. O que não se conta nas entrevistas. In: _____. *O repórter impenitente*. Campinas: Unicamp, 1994. p. 19-26.
- BUENO, Luís [Luís Gonçales Bueno de Camargo]. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp; Campinas: Unicamp, 2006.
- CÂMARA, Isabel. Lúcio Cardoso, o homem que venceu a noite. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XL, n. 40, p. 116-120, 5 out. 1968.
- CARDOSO, Elizabeth. *Feminilidade e transgressão: uma leitura da prosa de Lúcio Cardoso*. São Paulo: Humanitas, 2013.
- CARDOSO, Lúcio. A escada (I). *A Manhã. Letras e Artes*, Rio de Janeiro, n. 31, 9 fev. 1947. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/114774/per114774_1947_00031.pdf>. Acesso em: 8 jan. 2017.
- CARDOSO, Lúcio. *A luz no subsolo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARDOSO, Lúcio. A sedutora. *A Noite*, Rio de Janeiro, ano XL, n. 14.132, p. 11, 28 jun. 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/348970/per348970_1952_14132.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2016.
- CARDOSO, Lúcio. *Contos da ilha e do continente*. Seleção, organização, notas e prefácio de Valéria Lamego. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada - A véspera do livro*. *Jornal do Brasil. Suplemento dominical*, Rio de Janeiro, 27 abr. 1958. Entrevista concedida a Walimir Ayala.

CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Edição comemorativa de 40 anos da primeira publicação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Edição crítica de Mario Carelli. Madrid: Arquivos; CSIC, 1991.

CARDOSO, Lúcio. Depoimento de Lúcio Cardoso. *A Manhã. Letras e Artes*, Rio de Janeiro, n. 21, 10 nov. 1946. Entrevista concedida a Almeida Fischer. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/114774/per114774_1946_00021.pdf>. Acesso em: 8 jan. 2017.

CARDOSO, Lúcio. *Diários*. Organização, apresentação, cronologia, estabelecimento de texto e notas por Écio Macedo Ribeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CARDOSO, Lúcio. *Dias perdidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CARDOSO, Lúcio. *Inácio, O enfeitado e Baltazar: novelas*. Prefácio e organização de André Seffrin. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CARDOSO, Lúcio. Lúcio Cardoso considera-se um grande pecador, porém confia na indulgência divina. *Boletim Bibliográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, maio 1959. Entrevista concedida a Walimir Ayala.

CARDOSO, Lúcio. Lúcio Cardoso em 21 respostas. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, n. 38, p. 39, 21 set. 1957. Entrevista concedida a Edson Guedes de Moraes. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/025909/per025909_1957_00038.pdf>. Acesso em: 8 jan. 2017.

CARDOSO, Lúcio. *Maleita*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

CARDOSO, Lúcio. *O desconhecido e Mãos vazias: novelas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CARDOSO, Lúcio. *O viajante: romance (obra póstuma)*. Nota de Adauto Lúcio Cardoso. Introdução de Octavio de Faria. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

CARDOSO, Lúcio. *Poesia completa*. Edição crítica de Écio Macedo Ribeiro. São Paulo: Edusp, 2011.

CARDOSO, Lúcio. Por que pinto? [Recorte de jornal sem data] In: RANGEL, Rosângela Florido; LEITÃO, Eliane Vasconcellos (Org.). *Arquivo Lúcio Cardoso*. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/literatura/lucio_cardoso/arquivosliterarios_lucioCardoso.htm. Acesso em: 8 jan. 2017.

CARDOSO, Lúcio. *Salgueiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CARDOSO, Lúcio. *Teatro reunido*. Posfácio de Antonio Arnoni Prado. Curitiba: UFPR, 2006.

CARDOSO, Maria Helena. *Vida-vida: memória*. Rio de Janeiro: José Olympio;

Brasília: INL, 1973.

CARELLI, Mario. *Corcel de fogo: vida e obra de Lúcio Cardoso (1912-1968)*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

CASTRO, Ruy. Lúcio Cardoso. In: _____. *Ela é carioca: uma enciclopédia de Ipanema*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 220-224.

DAMASCENO, Beatriz. *Lúcio Cardoso em corpo e escrita*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012.

FARIA, Octavio de. Introdução. In: CARDOSO, Lúcio. *O viajante: romance (obra póstuma)*. Nota de Aduino Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. p. xiii-xx.

FARIA, Octavio de. Lúcio Cardoso. In: CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Edição crítica de Mario Carelli. Madrid: Arquivos; CSIC, 1991. p. 659-680.

FARIA, Octavio de. Memória de Lúcio Cardoso (I). *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 27 out. 1968.

INVENTÁRIO do Arquivo Lúcio Cardoso. Organização de Rosângela Florido Rangel e Eliane Vasconcellos Leitão. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1989.

LAMEGO, Valéria Fernandes. *O conto e a vida literária de Lúcio Cardoso (1930-1950)*. Rio de Janeiro, 2013. 186 f. Tese (Doutorado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade) - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/22021/22021.PDF>>. Acesso em: 16 jul. 2016.

LISPECTOR, Clarice. Lúcio Cardoso. In: _____. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 243-245.

MAURÍCIO, Jayme. Itinerário das Artes Plásticas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 15 dez. 1960.

MAURÍCIO, Jayme. Itinerário das Artes Plásticas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20 jan. 1961.

MAURÍCIO, Jayme. Itinerário das Artes Plásticas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 27 out. 1962.

MUSEU DE ARTE DE SANTA CATARINA. Acervo on-line: Joaquim Lúcio Cardoso Filho - Lúcio Cardoso. Disponível em: <<http://www.masc.sc.gov.br/?mod=acervo&ac=autor&id=786>>. Acesso em: 16 jul. 2016.

OLIVEIRA, José Carlos. Tarde, rosas, tempestade. *Jornal do Brasil. Caderno B*, 21 nov. 1962.

PRADO, Antonio Arnoni. Apêndice. In: CARDOSO, Lúcio. *Teatro reunido*. Curitiba: UFPR, 2006. p. 395-400.

PRADO, Antonio Arnoni. Posfácio. In: CARDOSO, Lúcio. *Teatro reunido*. Curitiba: UFPR, 2006. p. 383-393.

RIBEIRO, Ésio Macedo. *O riso escuro ou o pavão de luto: um percurso pela poesia de Lúcio Cardoso*. São Paulo: Nankin/Edusp, 2006.

ROSA E SILVA, Enaura Quixabeira. *Lúcio Cardoso: paixão e morte na literatura brasileira*. Maceió: Edufal, 2004.

SANTOS, Cássia dos. O criador e a criatura: notas sobre a concepção de Nina da *Crônica da casa assassinada*. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, fase VIII, ano I, n. 72, p. 211-228, jul./set. 2012. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/revista-brasileira-72.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2016.

SANTOS, Cássia dos. *Polêmica e controvérsia em Lúcio Cardoso*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2001.

SANTOS, Cássia dos. *Uma paisagem apocalíptica e sem remissão: a criação de Vila Velha e da Crônica da casa assassinada*. Campinas, SP, 2005. 282 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000387455&opt=4>>. Acesso em: 16 jul. 2016.

WYLER, Vivian. Lúcio Cardoso: mítico, barroco, autodestrutivo. *Jornal do Brasil. Caderno B*, Rio de Janeiro, 1 dez. 1979.

Recebido em: 16 de julho de 2016.
Aprovado em: 12 de dezembro de 2016.